

# Comunicado polo dia da Galiza Combatente

Outubro 2023

O 11 de outubro de 1990 os jovens independentistas galegos, José Inácio Vilhar Regueiro e Dolores Castro Lamas faleceron no transcurso de unha acción armada protagonizada polo Exército Guerrilheiro do Povo Galego Ceive.

Desde começos de século, os/as arredistas galegos/as temos erigido esta data para conmemorar a lucidez, a coragem e a determinación de tantos/as galegos/as que ao longo da historia teñen enfrentado o Estado opresor español, transgredido e desobedecido as súas leis e desafiado o seu monopólio da violencia.

Unha historia que longe de tópicos e estereotipos, estivo fortemente marcada pola conflituosidade fronte a un Estado español contemporáneo en constante consolidación e cada vez máis presente e controlador da nosa vida cotidiana.

A conflituosidade foi un dos recursos tradicionalmente empregados na Galiza polas comunidades populares para defender o territorio e manter espazos de poder: asaltos e levantamentos da poboación, queima de máquinas, destrución de infraestruturas, enfrentamentos con os corpos represivos do Estado... até a resistencia armada anti-franquista durante máis de vinte anos e a partir de mediados dos anos setenta do século vinte o combate de organizacións armadas independentistas pola defensa da Terra, cuxa impronta se prolonga até hoxe con a existencia dos/as presos e presas da resistencia galega nos cárceres españois.

Mas tampouco podemos esquecer toda esa fecundísima experiencia histórica galega de “resistencia cotidiana” como foron as fraudes fiscais, o impago de rendas, as insubordinacións contra os aparelhos fiscais e xudiciais das elites tradicionais, contra o sistema tributario, contra as formas de recrutamento militar (en varios momentos históricos), a legislación florestal, a quota empresarial agraria, etc.

Foron todas elas dirixidas –é certo– nom a derrocar a ordem establecida senom a tecer comunidade de resistencia, defendendo modos de vida e asegurando a manutención das súas lóxicas reprodutivas minimizando os aspectos máis anuladores do sistema colonialista español. Formas de loita que tamén teñen mostrado a súa enorme valía no percurso histórico para enfrentar a extensión do poder do estado español na Galiza.

O imaginario esquerdista tem estado nom poucas veces colonizado polo formato da espectacularidade do “Dia D” e hoxe pola hipervisibilidade propiciada polas plataformas sociais dixitais, o que nom ajuda a implementar projetos pacíficos, demorados, e consistentes de combate e resistencia. Porque na existencia diaria de un Povo há sempre un conxunto de rotinas de resistencia que permiten ganhar a vida, mantendo o control sobre o territorio, as dinámicas de organización colectiva e unha máis que necesaria autonomía moral e ideolóxica. Condições, aliás, para verdadeiros procesos estruturais de desmontagem do Estado e do Capitalismo e a emerxencia de verdadeiras institucións nacionais soberanas.

Todas estas dinámicas de conflito-reivindicación e combate estiveron historicamente ligadas a un tradicional entramado comunitario. Sem producir, reconstruir ou reabilitar algo parecido a isto, hoxe tam precario e ameazado, nom será posible continuar a manter a canle histórica de combate

e resistência popular que tanto nos orgulhece e da que os presos e as presas da resistência galega somos umha parte importante.

Porque só desde estes espaços de comunidade, organização e compromisso irmandinho é possível sustentar o necessário sentido de transcendência capaz de alimentar sacrifícios, actor de generosidade e comportamentos valentes e solidários. O contrário já o conhecemos: o triunfo aplastante da conceição burguesa da vida, cujo significado histórico é precisamente o de umha forma de vida nom determinada polas relações com a Terra (e nom apenas no sentido material).

A reatualização das formas de conflituosidade e a impronta da memória coletiva como estruturante das escolhas no relativo aos modos e maneiras de atuar som o cerne disso que conhecemos como “cultura de resistência” que nos remete sempre para práticas de autodefesa, desobediência e contrapoder. Dizia Vicente Risco –com acerto– que o futuro ao que se tende estriba no passado radical onde se procede. Trata-se, pois, de um futuro chamado a realizar-se. Para quem o queira entender melhor assim o expressava, sem circunlóquios, o velho kemperi, um dos últimos chamáns jaguar dos huaorani, na selva do leste do Equador. De jovem, somou-se ao grupo de guerreiros que emboscou e matou vários empregados da Shell na década de 1940 (o equivalente ao nosso Iberdrola, Naturgy ou Greenalia atuais). Doze operários perderam a vida a maos de guerreiros indígenas. Posteriormente a companhia deixou de operar nessa zona. Um dia perguntaram-lhe: “E se volvem os homens de capacete e uniforme?” Se volvem matamo-los – contestou com total normalidade– aqui faremos o que nos ensinaram os nossos pais e os nossos avôs.

Irmaos, irmás, levamos já quase cinquenta anos baixo uma “democracia” parlamentar espanhola convertida em arma de destruição massiva para a nossa Naçom. O Estado espanhol tem-nos provocado umha crise territorial, existencial e identitária sem precedentes. Um estado de sítio onde a utopia sant-simoniana decimonónica da ditadura dos engenheiros e tecnócratas acabou fazendo-se realidade.

O projeto histórico das elites espanholas continua o seu caminhar demoleedor no nosso país, renovado e atualizado desde os anos 60-70 pola ideologia do atraso como justificadora da “modernização” e o “progresso”. Umha ideologia capaz de legitimar historicamente o sacrifício de toda umha Naçom, convertendo a nossa Terra numha mina a céu aberto, num macro-parque industrial ou num gigantesco parador turístico. Religiom supremacista, ópio do Povo, verdadeiro misticismo político ou fé capaz de justificar –na sua vertente ideológica– quase qualquer comportamento humano, como na vertente aplicada serve para destruir a vida em todas as suas manifestações.

Em poucas décadas o “imperativo do progresso” –cujo fundamento último é a eliminação de qualquer barreira ética ao conhecimento e poder dos homens– tem gerado umha pressom e uns efeitos mais devastadores que toda a obediência e indolência acumuladas.

Os slogans “avançados” dos anos sessenta e setenta: “desenvolvimentos”, “qualidade de vida”, “libertação pessoal”, ou “instabilidade democrática do consumo geral”... som hoje o combustível ideológico que alimenta o arrasamento de territórios e comunidades humanas. Igual que hoje certo consenso progressista aplaude a era do consumo “online” e do smartphone como um dos dispositivos mais democratizadores jamais criados, teriam aplaudido a iniciativa bem sucedida de Fraga Iribarne, nos anos sessenta-setenta do século passado, de potenciar ao máximo na Galiza a criação de teleclubes, autênticas redes de penetração capilar de Televisom sobre todo o mundo rural graças à sua função coletiva em espaços comunais.

Nom o esqueçamos, o sistema de poder vem atuando, desde há muito tempo de forma radicalmente mais redutora e permissiva, anestesiando-nos para a percepçom da mesma realidade, incapacitando-nos para ver a tragédia das nossas vidas e invisibilizando todo conflito. A violência que padecemos é umha violência estrutural exercida sobre nós mesmo quando o Estado nos permite votar cada quatro anos ou nos deleita com um punhado de leis protetoras da natureza.

Este é o grande desafio como que os/as combatentes galegos/as vimos lidando os últimos quarenta e cinco anos, enfrentando um Estado capitalista espanhol que nom pode manter-se sem as suas soluções espaciais. De contínuo tem de botar mao de reorganizações físicas e materiais procurando nelas soluções parciais às suas crises e pontos mortos num processo imparável e paranoico de devoraçom do nosso território para a sua própria dinâmica de acumulaçom.

O nosso combate, a nossa defesa da Terra, é a impugnaçom mais decidida deste processo comandado pelo capital, o Estado, as suas elites, as suas instituições e os partidos do régime. Um processo de crescimento económico, acumulaçom de capital, destruiçom da Natureza e esterilizaçom social e cultural.

A defesa da Terra tem sido em origem a base de articulaçom dos projetos políticos do nacionalismo galego e seguirá a ser a força do pensamento arredista desde o qual construir projetos emancipadores. Projetos combativos que nom devem perder a perspectiva das transformaçoms civilizadoras fundamentais, traduzidos em intervenções radicais nos seus condicionantes políticos, sócio-económicos e culturais.

Sabemos organizar-nos e combater, e sabemos que o podemos fazer relativamente bem e de forma dilatada no tempo. A precariedade atual nom é maior que em 1973, 1983 ou 1993. em distintos contextos fomos quem de organizar-nos e conformar movimentos sócio-políticos de enorme valia. Partimos do que somos e do que temos, e da imensa experiência (pensamento e prática) acumulada durante décadas de loita, e sabemos também que em momentos de relativa febleza é impossível fazê-lo tudo ao mesmo tempo. Há que concentrar esforços, fazer bom uso dos recursos limitados, ser fieis aos conceitos guerrilheiro da flexibilidade e nom afastar-se nunca da Terra. Sem esquecermos que quando a loita deixa de estar fundamentada na concórdia e elevaçom de espírito e orientada em estratégias-projetos claros e ações concretas, as coletividades caem em estados morbosos que rematam sempre em processos auto-destrutivos.

Estamos assistindo já a um desses momentos críticos nos que os fundamentos naturais, sociais e identitários da nossa Naçom estão sendo assaltados de forma irremediável, alcançando um ponto de nom retorno. Os próximos combates vam-se a dar aqui, neste cenário de ataques depredatórios sem precedentes, e descomposiçom do que nos fica da trama social tradicional, consubstanciais à presente fase de capitalismo terminal.

Nom há escolha, ou resistência ou barbárie. Irmaos, irmás, nos conflitos onde questões vitais estão em jogo, a resistência –nom as concessões– é o essencial. E toda resistência no caminho da Terra, a liberdade e o amor à Vida nom se fará sem esforço nem sem loita.

**Viva Galiza Ceive!**

**Denantes mortos que escravos!**

**CPIG 11 de outubro de 2023**